

Imagem: o Fetiche das Novas Estruturas de Dominação na Sociedade Contemporânea¹

Ludmila Gonçalves Martins
Raquel Rocha Gomes
Robson Vieira da Silva
Rodolfo da Cruz Rangel
Wilson Camerino dos Santos Jr

Resumo: Das grandes navegações ao encurtamento das fronteiras globais, a revolução da informática potencializou a supervalorização da imagem, trazendo consigo uma exacerbação das relações hedônicas. Sendo assim, este artigo visa discutir o lugar do sujeito histórico neste novo contexto social em que, inebriado pelo sistema estético, o mesmo não contempla as subjetividades que se estabelecem nas relações de poder. A busca pelo prazer se mostra uma variável importante, na medida em que o processo de avanço de novas estruturas de dominação torna-se mais complexo e, até mesmo, mais difícil de visualizar, visto que se colocam camufladas em diversos aspectos sociais, tais como em meio à cultura estética e ao discurso político.

Desde as grandes navegações do século XV, os países “centrais” procuram expandir seus protomercados para os territórios “periféricos” sob a égide de levar a civilização aos nativos dessas regiões. Ao longo dos séculos, este processo de expansão dos mercados foi ganhando novos contornos, possibilitado não só pelo avanço das formas de exploração, mas também pelo maior conhecimento que se tem do mundo; advindo do desenvolvimento acelerado dos meios tecnológicos, através do qual houve a promoção do aparente “encurtamento” das fronteiras globais.

É principalmente nas décadas de 50 e 60 do século XX, que esse processo de globalização é potencializado pela Revolução da Informática; com isso, eclode

¹ Este artigo foi elaborado em 2005, por Ludmila Gonçalves Martins, Raquel Rocha Gomes, Robson Vieira da Silva, Rodolfo da Cruz Rangel e Wilson Camerino dos Santos Júnior, alunos do Curso de Ciências Sociais da UFES. É fruto da discussão de um grupo de estudos sobre Karl Marx, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Márcia Barros Ferreira Rodrigues do DCSO-UFES.

uma supervalorização da imagem, nas suas múltiplas dimensões², sendo esta uma característica típica da sociedade contemporânea, uma sociedade altamente imagética.

Assim, o reflexo dessa sociedade imagética tende a ser distorcido de acordo com o corte do “espelho” que o exhibe, de modo que nesta etapa atual do capitalismo, as estruturas de dominação estão inseridas nas relações hedônicas e deliberativas, isto é, na cultura e na política, cuja finalidade é produzir relações que sejam efêmeras e sem vínculos.

Deste modo, pode-se dizer que a contemporaneidade é marcada por uma crise de perspectivas, em que, aparentemente, temos de nos render à desordem criada pela nova ordem mundial – a globalização – que camufla a realidade, impedindo a sociedade de enxergar as estruturas de dominação; pois, a sociedade se orienta pelo consumo dos produtos da era global, sendo essa uma articulação que dificulta a luta contra esse fenômeno.

Isso, porém, não decorre de uma lógica de exclusiva natureza econômica, é um acontecimento mais profundo. É, na verdade, algo que não se deixa transparecer, e que atinge vários sentidos, tais como: os valores, as emoções (sentimentos e desejos), a identidade, a auto-estima, a vocação, a escolha... Ou seja, são impactos causados pelas novas estruturas de dominação que tendem a naturalizar todas as relações, sobretudo, aquelas que estão embebidas de desigualdades e de desconexos sociais.

Diante disso, tomamos de empréstimo a discussão de Karl Marx (1998:85) em seu *Manifesto do Partido Comunista* (1848), no qual expressa que “as idéias

² Sobre o conceito de pós-modernidade, Fredric Jameson (1997) discorre das variadas formas de aparecimento da imagem na vida da sociedade contemporânea como, por exemplo: na cultura, no vídeo, na arquitetura e no cinema; acrescentando a idéia de esteticização da contemporaneidade, a Prof.^a Márcia Barros Ferreira Rodrigues (2005) afirma que esta exacerbação da imagem tem tido como reflexo uma “ditadura da estética” em que se é proibido envelhecer. O desdobramento desse ideal imagético também afeta a política. Lechner (2002) ao discutir sobre a subjetividade na política, nos fala da busca de uma identidade no mundo globalizado, que tende a “naturalizar” as relações e a sufocar a ação do sujeito histórico.

dominantes de uma época, sempre foram apenas as idéias da classe dominante”. Isso ilustra que mesmo com tantas expressões de liberdade, continuamos reféns da verticalização, não apenas presente na economia, mas também na lógica cultural e política da sociedade contemporânea.

Na nova lógica do capitalismo tardio³ o importante é mostrar poder pelo prestígio, pelo status alcançado, o domínio e a conquista individual, ou seja, mostrar-se como pessoa não significa mais “nada” se a aparência não refletir notoriedade no meio social.

Assim, temos o desenvolvimento de uma “coisificação” nas relações sociais, em que o sistema expande ganhando autonomia, através do estereótipo pré-determinado de como devemos ser: um verdadeiro darwinismo social em que os mais fortes, os mais capazes são aqueles que acumulam mais capital. O que se tem é o reflexo da seleção natural numa seleção social, daí o aparecimento de uma necessidade de se sentir incluído.

Somos encaminhados para uma ditadura da estética/aparência, em que a igualdade e a liberdade se tornaram sinônimos de sermos escravizados a um estilo de vida imagética e estúpida; a ponto de a ciência passar a não atender, tanto aos fins sócio-humanitários, mas sim a vaidades pessoais, tamanho o crescimento das indústrias de produtos cosméticos⁴.

Dessa forma, se apropriando do aparato da tecnologia *high tech*, na última década, o capitalismo começou a atingir seu momento de maior expansão em nível global. Nesse sentido, o processo de criação de novas necessidades – premissa do sistema capitalista – tem-se intensificado; de modo que, ocultando as contradições existentes, através do incentivo não só da exaltação da imagem, mas também das efemeridades, impede a ação de forças sociais, da

³ Jameson (1997) caracteriza esta fase como sendo a do capitalismo tardio, cuja nomenclatura do termo tardio representa a terceira fase do capitalismo, e, por isso, revela-se um estágio mais puro do que de outras fases.

⁴ A prof.^a Márcia Barros Ferreira Rodrigues caracteriza este movimento como fruto do “peterpanismo” instaurado na sociedade contemporânea.

política ou da cultura na oposição a ele: já que, a mercantilização das relações sociais tem como esforço ocultar a existência de lutas de classes a partir na noção ilusória de que todos estariam incluídos nessa nova ordem.

Em meio a isso, revela-se o conceito de populismo estético⁵, cujo emprego está voltado a produzir uma aparente democratização estética dos espaços urbanos, substituindo a memória histórica de um passado pomposo pela construção de prédios com aspecto mais despojado; traduzindo, desta maneira, o apagamento das fronteiras entre alta cultura e cultura de massa, engendrando o consumo de imagem.

Deste modo, cultura é um meio de dominação esteticizante do espaço urbano, impregnando o espaço sedutoramente, de forma que a lógica do capitalismo tardio tenha a função de mascarar e naturalizar as diferenças. Dessa forma, ocorre à despolitização do sujeito, que inebriado dos adornos desse sistema estético não contempla as subjetividades que se estabelecem nas relações de poder, negociadas na arena política.

Sendo assim, o elo entre cultura e política perpassa a noção de identidade; na medida em que se convive numa sociedade “de massa”⁶ embebida por relações efêmeras e amparada, portanto, num presentismo, a falta de referencial tende a ser um dos desdobramentos da contemporaneidade.

Por conseguinte, um dos mecanismos pelo qual a globalização controla a sociedade contemporânea é tratando os fenômenos enquanto naturais a esta, fazendo com que a mesma expulse de si o pensamento crítico. Dessa naturalização, decorrem dois problemas: a partir do momento em que tomamos os dados como naturais, não nos damos conta porque aos nossos olhos parece natural e passamos a ficar imersos na alienação; tal distorção ocorre

⁵ Este conceito está na obra de Fredric Jameson: Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio (1997).

⁶ Tal expressão remete-se a postura da era global em que se designa uma concepção de que todos estão incluídos no sistema à medida que se tornam consumidores nos mais variados sentidos: de imagem, de produtos e de idéias, por exemplo.

com o processo de globalização que se desdobra numa via de mão dupla entre o aspecto cultural e o político, através das redes da “aldeia global”, sucumbindo no processo de “fetichização do mercado”.

Deste modo, a teoria social se revela enquanto produto político, pois através dos fenômenos culturais são estabelecidas as relações de poderes que dominam determinadas esferas das sociabilidades restritas ao domínio esteticizado da realidade.

Ao suscitar uma abordagem subjetiva da política, Lechner (2002) enfatiza o papel da identidade na construção da ordem política, pois a esta questão insere-se a falta de referencial dada a materialização da política; e a naturalização da vertente social leva a perda de referencial, que, por conseguinte, leva a uma busca pela identidade; dessa naturalização, presente na teoria social, decorre o afloramento de medos comuns à sociedade contemporânea, são eles: o medo do outro, o medo da exclusão social e o medo do sem sentido⁷.

O estranho nos causa medo porque interiorizamos um processo competitivo de disputa, no qual colocamos a prova nossa força e capacidade de derrotá-lo – tal qual a lógica do mercado –, ao invés de unirmos nossas “diferenças” em uma coesão social. Isso porque, na sociedade contemporânea o outro é visto como um conflito em potencial, pois, a sociedade está em constante competição, sendo esse o reflexo do econômico. A busca individual não permite aos indivíduos se pensarem em sociedade e nem se interrogarem a respeito de sua convivência de hoje e de amanhã.

Essa influência globalizante mina as relações coletivas da sociedade pós-moderna, criando tribos pontuais e diversas, que, geralmente, compartilham interesses comuns, porém são relações de vínculo instável e de curta duração; logo, dificulta a criação de diálogos que possam ir além da visão social

⁷ Lechner (2002) discute a questão dos três medos comuns na contemporaneidade a partir dos resultados empíricos apresentados pelos Direitos Humanos no Chile em 1998.

percebida, isto é, até se percebem os problemas sociais, mas não se interpreta nem a gênese, nem a fonte propulsora dos mesmos.

Nossos medos derivam da relação com o sistema, e essa interação gera o medo da exclusão social; afinal, numa sociedade em que se valoriza o estilo de vida e o prestígio social – imagética –, teme-se ao máximo a exclusão ao acesso aos bens de consumo e serviços. O receio quanto à exclusão econômica, é um dos desdobramentos dessa sociedade desejante que vem sendo construída pela nova etapa do capitalismo, uma etapa mais pura, em que o sistema age no plano do prazer suprimindo o caráter político de discussão, retirando, assim, a ação do sujeito histórico.

O medo do “sem-sentido” refere-se à falta de expectativas, de melhorias para o futuro, devido ao medo do incerto, do duvidoso, de tentar mudar o futuro e fracassar. Disso, decorre o sufocamento do perspectivismo histórico que vem sendo delineado na sociedade contemporânea, cuja vida cotidiana é submetida a um ritmo acelerado em decorrência das constantes transformações em torno de si, gerando uma sensação de situação caótica em que faltam chaves de interpretação para os fenômenos sociais.

O que se extrai desse debate sobre as novas formas de estruturas de dominação na sociedade pós-moderna é a tendência à virtualização das relações sociais, cada vez mais pontuais, em que os indivíduos passam a se isolarem no seu próprio espaço.

Portanto, o que se observa na sociedade contemporânea, é que a concepção imagética da sociedade se desdobra num presentismo, cuja implicação mais latente se traduz num ceticismo e num niilismo que não evocam caminhos para o futuro, desencadeando o futuro perigoso para o “perspectivismo histórico”.

À ruptura desses “melancolismos céticos”, tanto Jameson quanto Lechner evocam o “perspectivismo histórico” como uma estratégia de luta contra esta estrutura de poder que orienta a vida cotidiana.

Enfim, as estruturas de dominação pós-moderna no capitalismo tardio são bem menos visualizadas que em tempos anteriores, isto é, quanto mais os meios de dominação estão visíveis, mais desenvolvem o aspecto da “invisibilidade”. De modo que a cultura e a dimensão subjetiva da política, utilizadas como meios de dominação, passam a “coisificar” as identidades.

Referências

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*. São Paulo: Ática, 2004.

LECHNER, Norbert. *Las sombras del mañana. La dimensión subjetiva de la política*. Coleccion Escafandra. Santiago: LOM Ediciones, 2002.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *O manifesto do partido comunista*. São Paulo: Cortez, 1998.

RODRIGUES, Márcia Barros Ferreira. *Tempos (pós)modernos: o fim de uma civilização?* ESSA - Espírito Santo Sociedade Aberta, Espírito Santo, ed.n.04, Agosto de 2005.

_____. *Mundo pós-moderno: o fim de uma civilização?* Século Diário. Espírito Santo, 23/24 de agosto de 2005. Disponível em: <<http://www.seculodiario.com.br/arquivo/2005/outubro/24/index.asp>> . Acesso em: 4 de dezembro de 2005.